

Fim da violência começa na escola

Programas aplicados em Diadema têm o propósito de diminuir o ingresso de crianças e adolescentes na criminalidade

EDUCAÇÃO

O investimento em políticas preventivas nas áreas de educação, esporte e lazer já deu bons resultados em Diadema. Um deles foi a queda de 44% do número de jovens infratores de 16 a 20 anos enviados para a Febem, nos últimos quatro anos, segundo a prefeitura. Na mesma faixa etária, registrou-se, no período, redução de 85% nas vítimas de homicídios.

Apesar disso, a cidade é a segunda do Estado que mais manda jovens à instituição – há 126 internos atualmente. A primeira é Guarulhos, com 148. O plano de obras da Febem, porém, não prevê uma unidade em Diadema. Segundo a fundação, a prefeitura alega não ter terreno disponível.

O programa Adolescente Aprendiz foi apontado pelo prefeito José de Filippi Júnior como a medida mais importante de sua gestão para reduzir a violência. Durante um ano, jovens de 14 e 15 anos são orientados sobre mercado de trabalho, fazem estágios e desenvolvem projetos no local onde vivem. “A educação é essencial para a vida longe do crime”, diz.

O diretor científico do Instituto Latino Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente, Guaracy Mingardi, concorda: “Merece destaque como política de segurança pública, pois reduz o envolvimento de jovens com a criminalidade.”

O objetivo é fazer com que eles percebam as características de suas comunidades. Para participar e receber a bolsa-auxílio mensal de R\$ 65,00, os jo-

vens devem morar em um dos 13 núcleos habitacionais considerados áreas de risco social e frequentar a escola.

Criado há quatro anos, o programa já atendeu 4.500 adolescentes. Surgiu após o assassinato de uma jovem de 14 anos suspeita de envolvimento com o tráfico de drogas na Favela Naval. Os gestores estimam que nos três primeiros anos houve queda de 76% nos índices de criminalidade relacionados à faixa etária atendida pelo projeto.

Asgêmeas Carina e Cátia Almeida, de 14 anos, entraram este ano no programa do Núcleo

Há poucas opções de lazer na cidade: apenas um teatro e nenhum cinema

Portinari. A mãe, Aparecida, já percebe as mudanças. “Elas estão mais estudiosas, têm notas melhores e sonham aprender computação.” Karoline Ribeiro, de 19 anos, já percorreu esse caminho e atualmente é professora. “Fiz cursos e com a bolsa até comprei uma geladeira para minha mãe”, conta.

Com o programa, afirma o secretário municipal de Educação, José Antônio da Silva, o jovem descobre o valor da comunidade e passa a entender que a escola e as ruas são patrimônio dele. “Um exemplo é a redução do vandalismo na cidade”, diz.

Aproximar a comunidade da escola é outra estratégia da prefeitura. Os pais dos alunos elegem o diretor, participam da elaboração do plano pedagógico e conferem o balanço anual



FUTEBOL – Cerca de 4 mil crianças e adolescentes frequentam escolinhas gratuitas do Diadema 21

de gastos e investimentos.

Desde 2003, o projeto do governo estadual Escola da Família abre os 65 colégios da região para atividades de lazer nos fins de semana. Todos os moradores podem aproveitá-las. Educadora do programa da Escola Estadual Anecondes Ferreira, no Jardim Ruyce, Maria Delgado, explica que, como nessa região não há áreas de lazer,

a medida foi importante para tirar o jovem da rua. “As mães vêm buscar os filhos, pois eles não querem ir embora.”

Fábio Henrique das Dores, de 16 anos, aluno de um colégio estadual, deixou a sinuca no bar e o bate-papo na rua. “Prefiro me divertir na escola.”

ESPORTE
Morador de Diadema até os 11

anos, o pentacampeão mundial de futebol Denílson de Oliveira, de 28, afirma que o esporte também é muito importante para a formação da criança. “Completa a educação e a mantém longe do crime”, diz. Hoje jogando no Bordeaux, na França, começou no campo Ouro Verde, perto de sua casa no Jardim Paineiras.

O jogador pretende construir a Fundação Denílson no

bairro onde viveu. “O esporte me deu uma profissão e melhores condições de vida. Vai ser minha forma de retribuir as oportunidades que tive.”

Existem na cidade escolinhas de futebol gratuitas em dez campos da prefeitura desde 1997, com o programa Diadema 21, mas elas não têm o objetivo formar craques como Denílson. “O futebol é uma ferramenta de inclusão, desenvolvimento humano, educação e formação”, diz o presidente da ONG Rede 21, Alexandre Machado. O projeto da entidade atende 4 mil crianças e adolescentes.

A ex-jogadora da seleção de basquete Magic Paula concorda que ações como essa ajudam a reduzir a criminalidade. Em fevereiro, levou o projeto Passe de Mágica para Diadema, hoje com 100 participantes de 7 a 15 anos. “O esporte ajuda na autoestima e formação de valores como disciplina, trabalho em grupo, hierarquia e obstinação.”

O secretário municipal de Esportes e Lazer, Wladimir Rodrigues, destaca que esses projetos dão certo porque valorizam a inclusão social. “Preenchemos a ociosidade desses adolescentes com atividades físicas como uma maneira de prevenir a violência”, afirma.

A comunidade tem outras opções de diversão: 11 centros culturais, 9 bibliotecas públicas, a Casa da Música e a do Hip Hop e um Centro de Memória. Essas atividades, gratuitas, chegam a reunir 4.500 pessoas por mês. Mas Diadema ainda tem um caminho a ser percorrido na oferta de lazer: há apenas um teatro e, para ir ao cinema, os moradores têm de se deslocar até cidades vizinhas. ●

Luz, asfalto, e favela vira núcleo urbanizado

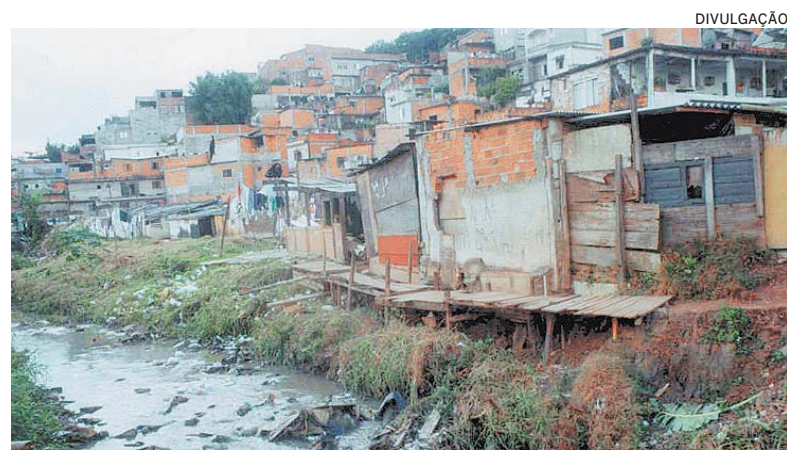
Prefeitura instala infra-estrutura básica e altera a nomenclatura para melhorar auto-estima de morador

MORADIA

Marco Antônio Teixeira trabalha e mora no bairro do Eldorado, em Diadema. Faz bicos há três anos nas mansões do Condomínio Praia Vermelha, às margens da Represa Billings. Mas para chegar até a Rua Baiacu, onde reside, o mecânico precisa subir 47 degraus e passar por outras cinco casas, todas dividindo o número 58, no alto de um morro. Teixeira divide um espaço de apenas dois cômodos com a mulher, Ana Maria Rodrigues, e três filhos.

“No condomínio não tem violência como onde moro, nem bar ou briga. É mais seguro”, afirma. “No Eldorado em que eu vivo as coisas ‘pegam pra capar’.” Diadema nunca escondia contrastes sociais. O Eldorado é a prova disso. Condomínios sofisticados se distinguem dos morros superpovoados, onde faltam benefícios. Medidas citadas como importantes para reduzir a violência, como áreas de lazer, são raridade.

“Diadema é um município praticamente tomado por um padrão popular de ocupação”, diz a professora Maria Lúcia Refinetti, coordenadora do Laboratório de Estudos de Habi-



ANTES E DEPOIS – Córrego canalizado e avenida no núcleo Vera Cruz

tação (Labhab) da USP. O grande adensamento da cidade se deve ao crescimento desordenado de loteamentos irregulares nas décadas de 70 e 80. Hoje, Diadema tem a segunda maior densidade demográfica do País, com 12,3 mil habitan-

tes por quilômetro quadrado, atrás apenas de São João de Meriti, na região metropolitana do Rio.

“Não há mais terrenos livres na cidade”, garante o secretário municipal de Habitação, Josemundo Queiroz. Para

diminuir o número de favelas, a secretaria se apóia no modelo de urbanização premiado em 1996 na Conferência Habitat 2, da ONU, na Turquia.

As comunidades recebem asfalto, numeração para correspondência, rede de esgoto e infra-estrutura básica. Uma favela passa, então, a ser núcleo habitacional. “Usamos a nomenclatura como forma de integrar os moradores ao bairro, fazer com que não se sintam à parte”, diz Queiroz. “Se nos fixarmos só ao campo arquitetônico, será sempre favela.”

Maria Lúcia acha válida a mudança de nomenclatura. “Quando a cidade dá reconhecimento aos cidadãos, muda a condição. Eles se sentem incluídos.”

O município tem 206 núcleos habitacionais. As favelas ocupam apenas 3% de sua área, segundo a prefeitura. São sete comunidades, das quais cinco estão com projeto de urbanização garantido para as próximas semanas.

“Aqui o esgoto chegou há dois meses”, conta Ana Maria, mulher de Teixeira. Mas ainda falta muito. “O reconhecimento do possível é o grande mérito de Diadema. O padrão não é o ideal, mas as pessoas estão melhor do que na irregularidade”, diz Maria Lúcia.

Os projetos de urbanização se destacam pelo foco no indivíduo, no aumento da auto-estima do diademense. Exemplo disso é o programa Tá Bonito, em que a prefeitura financia metade da reforma de fachadas. Cerca de R\$ 74 mil já foram investidos no programa. ●

Da medicina de guerra à prevenção

SAÚDE

A redução do índice de homicídios em cerca de dois terços em cinco anos mudou o perfil do atendimento à saúde em Diadema. A superação de um estado descrito por médicos como “de guerra” – o Instituto Médico-Legal (IML) local chegou a receber 18 mortos à bala em um só domingo – permitiu o deslocamento de recursos para ações preventivas e de longo prazo.

Funcionário da prefeitura de Diadema há 20 anos, o médico legista e clínico João Roberto Oba, de 42 anos, é exemplo dessa mudança. Até 2004, Oba era um dos responsáveis pelas necropsias do IML da cidade, que já teve cinco médicos somente para esse exame.

A diminuição da demanda fez o legista mudar de função. “Deixei de ser só um doutor de mortos para cuidar também dos vivos”, diz ele, que passou a visitar os bairros para tratar dos pacientes em casa. Segundo Oba, o trabalho no IML ficou até “leve”. Hoje, apenas um médico se dedica exclusivamente às autópsias.

Oba integra uma das 34 equipes do programa Saúde em Casa, que desde 2001 leva médicos, enfermeiros e agentes de saúde às casas de Diadema. Embora o início do programa coincida com a fase crítica da violência no município, sua ampliação – atualmente, 32% dos diademenses são atendidos – foi facilitada pela diminuição dos índices de mortes violentas. “Se há menos gente baleada e esfa-

queada, os recursos da saúde vão para outros tipos de atendimento”, afirma o secretário de Saúde da cidade, Marcos Calvo.

O programa também atua na prevenção da insegurança. Em janeiro, o recém-criado Núcleo de Combate à Violência vai treinar agentes de saúde para identificar situações de violência familiar. “Queremos prevenir casos de abuso”, explica o coordenador Douglas Schneider. O núcleo também vai coletar estatísticas sobre as agressões intra-familiares. Atualmente, são poucos os números

‘Deixei de ser só um doutor de mortos para cuidar também dos vivos’

disponíveis. “O combate à violência é uma bandeira da saúde, já que lutamos pela vida”, diz Calvo.

DO VINHO PARA A ÁGUA

A Lei Seca, que desde 2002 proíbe o funcionamento dos bares da cidade a partir das 23 horas, é apontada como divisor de águas também para a saúde na cidade. “Mudou da água para o vinho”, avalia o diretor técnico do Pronto-Socorro municipal, José Roberto Athie. “Ou melhor, do vinho para a água.”

Oba testemunhou a mudança. “Ficamos 40 dias sem receber uma única vítima de assassinato”, lembra o legista. ●

1997



Policiais são filmados espancando pessoas em falsa blitz na favela Naval. Mário José Josino morre após disparo do PM Otávio Lourenço Gamba, o Rambo

1999

Diadema é apontada a cidade mais violenta do País, com 374 homicídios no ano. Criada a Guarda Civil Municipal

2000

É criado o Fórum Municipal de Segurança Pública. Sociedade civil, município e Estado se mobilizam para derrubar os índices de criminalidade

2002



Aprovada a Lei Seca: os bares devem ser fechados às 23 horas. Apenas 28 estabelecimentos, com segurança privada e longe de áreas de risco, têm alvará especial para permanecer abertos

2005

Em julho, uma mulher e seus dois filhos são mortos por um PM no Jd. Portinari. O bairro receberá o piloto do programa Mediador de Conflitos para evitar brigas entre vizinhos que acabem em crimes. No referendo de outubro, Diadema é um dos dois municípios do Estado – o outro é Angatuba – a votar “sim” à proibição do comércio de armas e munições

O salto populacional de Diadema

